

# Combinação de alto RISCO

Fumar está associado a uma incidência até 51% maior de complicações pós-cirúrgicas, inclusive, em casos de procedimentos estéticos, pois há aumento de probabilidade de trombose, rompimento da incisão e má cicatrização, entre outros

» PALOMA OLIVETO

Fumantes têm um risco significativamente maior de complicações em cirurgias, incluindo as estéticas, segundo estudos independentes que, juntos, avaliaram dados de milhares de pacientes submetidos a procedimentos diversos na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos. O mais recente, publicado na revista *The Lancet* por pesquisadores da Universidade de Birmingham, no Reino Unido, constatou que mesmo quem parou com o hábito seis semanas antes de encarar a sala de operações teve 51% mais intercorrências dentro de 30 dias, comparado aos não tabagistas.

A pesquisa britânica avaliou dados de 16.327 pacientes submetidos a cirurgias abdominais eletivas em 442 hospitais de 29 países europeus. “Pacientes que pararam de fumar até seis semanas antes da cirurgia ainda tiveram risco mais elevado de intercorrências”, explica Sivesh Kathir Kamarajah, principal autor do estudo. “Observamos complicações aumentadas até naqueles que pararam de fumar semanas ou meses antes da operação. Isso desafia a ideia de que basta uma pausa curta para reduzir os riscos”, afirma.

Atualmente, as diretrizes internacionais recomendam parar de fumar pelo menos quatro a seis semanas antes de uma cirurgia. Para os pesquisadores de Birmingham, porém, os novos dados sugerem que isso pode não ser suficiente. “Isso mostra que os efeitos do cigarro no organismo não desaparecem rapidamente. O impacto sobre o sistema imunológico e sobre a cicatrização pode persistir por meses”, destaca Kamarajah.

## Necrose

Enquanto o estudo britânico investigou especificamente as complicações associadas a cirurgias abdominais, uma equipe da Universidade de McGill, no Canadá, comparou as intercorrências em procedimentos estéticos. O estudo, publicado recentemente na *Revista da Sociedade Canadense de Cirurgiões Plásticos*, analisou dados de 82 artigos científicos produzidos no país norte-americano. Os resultados mostraram que fumantes e pessoas que pararam de fumar pouco tempo antes das operações tiveram uma incidência significativa de complicações como necrose da pele, infecções e má cicatrização.

Freepix/Divulgação



No cigarro, há mais de 4 mil substâncias tóxicas que impactam negativamente na microcirculação e na oxigenação dos tecidos

## Duas perguntas para

**ARMANDO LOBATO**, presidente da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular

**O estudo da Universidade de Birmingham mostrou que fumantes têm mais complicações no pós-operatório de cirurgias eletivas. No caso específico das vasculares, por que o tabagismo representa um risco ainda maior?**

O cigarro é um agressor direto do sistema arterial. Ele provoca inflamação, disfunção endotelial, vasoconstrição e favorece a

coagulação, exatamente os mecanismos que originam e agravam as doenças arteriais. Nas cirurgias vasculares, isso significa maior risco de trombose em enxertos e stents, mais infecções de ferida e pior perfusão em tecidos que já sofrem com isquemia. Por isso, para nós, o tabagismo não é apenas um fator de risco, mas parte da própria doença que tratamos.

**Muitos pacientes acreditam que parar de fumar dias antes da cirurgia já basta. Quanto tempo antes seria seguro?**

Qualquer período sem fumar já traz benefícios, mas do ponto de vista cirúrgico precisamos de mais tempo para reduzir complicações. Em 48 a 72 horas já há queda de monóxido de carbono e nicotina no organismo, mas para ter impacto real na cicatrização e nas complicações pulmonares é necessário pelo menos quatro semanas de abstinência. O ideal, quando possível, é suspender o cigarro de quatro a oito semanas antes da cirurgia eletiva. Essa janela aumenta a segurança e melhora muito o resultado pós-operatório. **(PO)**

Arquivo pessoal



A revisão mostrou ainda que o tabagismo está ligado a piores resultados também em outros procedimentos, como implantes de mama, lifting facial e lipoaspiração. “O cigarro é irritante à mucosa respiratória, o que causa acúmulo de

secreção, podendo complicar a anestesia. Além disso, a tosse pode atrapalhar a recuperação de algumas cirurgias como abdômen e face. Do ponto de vista vascular, o risco de trombose também é maior em pacientes fumantes”, explica Beatriz Lassance, membro titular da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

Segundo a médica, dados recentes da Sociedade Norte-Americana de Cirurgia Plástica sugerem estatísticas alarmantes de complicações pós-cirúrgicas em tabagistas. “Alguns estudos, como um publicado em fevereiro, apontam um aumento de até quatro vezes o número de complicações e intercorrências em decorrência do tabagismo, tanto no aparelho respiratório como em relação ao risco de necroses e de dificuldade de cicatrização da área operada”, observa Beatriz Lassance.

## Trombose

A cirurgiã vascular Aline Lamaita, membro da Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular, lembra que a nicotina reduz a espessura dos vasos sanguíneos, o que eleva o risco de trombose. “O monóxido de carbono oferece um fator adicional de risco ao diminuir a concentração de oxigênio no sangue. Todo esse processo pode causar complicações para o normal funcionamento dos vasos, que ficam mais suscetíveis ao entupimento, principalmente quando há fatores de risco envolvidos”, afirma.

Os autores da meta-análise canadense observam que a maior contribuição de estudos sobre tabagismo e complicações pós-cirúrgicas é reforçar a necessidade de orientar pacientes sobre os riscos do cigarro. “O tabagismo é um fator de risco modificável. Intervenções de cessação podem reduzir complicações, melhorar a satisfação dos pacientes e otimizar os resultados cirúrgicos”, afirmam, no artigo.

Sivesh Kathir Kamarajah, da Universidade de Birmingham, concorda. “Cirurgias eletivas (não emergenciais) são uma oportunidade única para os profissionais de saúde implementarem estratégias eficazes para os pacientes tabagistas pararem de fumar, melhorando tanto os resultados cirúrgicos a curto prazo quanto a saúde a longo prazo”, diz. “A incorporação de programas robustos para ajudar as pessoas a parar de fumar em casos de cirurgias eletivas pode levar a um atendimento preventivo mais eficiente em todo o sistema de saúde”, defende.

## SINUSITE CRÔNICA

# Cirurgia pode ser mais eficaz do que antibióticos

A cirurgia sinusal é mais eficaz do que antibióticos no tratamento da rinossinusite crônica, de acordo com um estudo liderado pela Universidade College London (UCL), no Reino Unido, publicado na revista *The Lancet*. A sinusite é uma doença caracterizada por sintomas como entupido e escorrendo, perda do olfato, dor facial, cansaço e agravamento de problemas respiratórios, como asma. Muitas vezes, assemelha-se a um resfriado forte, mas pode durar meses ou até anos. No Brasil, houve 13.731 internações entre 2019 e 2023, segundo o Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SUS).

Mais de 500 pacientes do Reino Unido participaram do

estudo, e todos usaram esteroides nasais e bochechos com solução salina como parte dos cuidados habituais — ambos comprovadamente eficazes para a condição. Os pesquisadores descobriram que a cirurgia foi eficaz no alívio dos sintomas da sinusite, e os voluntários que fizeram o procedimento ainda se sentiam melhor seis meses depois. Dos que se submeteram à operação, 87% afirmaram que sua qualidade de vida havia melhorado no período.

Um tratamento de três meses com antibióticos em baixas doses não se mostrou útil, pois não houve diferença significativa nos resultados entre aqueles que receberam esses

LASinus/Divulgação



Dor facial, cansaço e nariz entupido são sintomas que geram confusão

medicamentos e aqueles no braço placebo do estudo. “Esperamos que nossas descobertas ajudem a reduzir o tempo de tratamento dos pacientes. A simplificação dos procedimentos clínicos ajudará a reduzir consultas e consultas desnecessárias e a economizar recursos de saúde”, comentou o principal autor, Carl Philpott, da Escola Médica de Norwich da Universidade de East Anglia.

## Evidência

Segundo os autores, até agora não havia evidências em forma de estudo que mostrassem que a cirurgia sinusal funciona melhor do que o tratamento médico.

“Aqui, fornecemos evidências robustas de que a cirurgia é um meio eficaz para tratar a rinossinusite crônica quando os tratamentos locais falharam, o que deve ser uma boa notícia para o grande número de pessoas com a doença”, comentou a coautora Anne Schilder, da UCL.

A rinossinusite crônica faz com que os espaços dentro do nariz e da cabeça, chamados seios da face, fiquem inflamados e inchados. Essa condição comum impede a drenagem do muco, causando congestão nasal nos pacientes. Pessoas que sofrem do problema têm dificuldade de respirar pelo nariz e essa é a principal causa subjacente da perda do olfato na população em geral.